

O Gênero Crônica e o Esporte Futebol: elementos de uma cultura genuinamente brasileira

André Mendes Capraro - Doutorando em História – UFPR/ Unicenp

I

Pode-se afirmar que dentre os gêneros literários a crônica é o que tem uma proximidade mais remota em relação ao futebol. Desde o início do século XX, literatos de renome na sociedade brasileira, como Lima Barreto, Coelho Netto, “João do Rio”, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e Gilberto Amado, principais referências até a década de 1920, esporadicamente se dedicaram à temática.

Contudo, ainda não se tratava da crônica esportiva, já que, enquanto subgênero da crônica, esta ainda não estava consolidada. Tais cronistas abordavam temáticas gerais, associadas ao cotidiano, isto é, tratava-se ainda do colunismo social. Portanto, não existia uma periodicidade em relação ao assunto esporte, ainda mais no tangente ao futebol - que nos primeiros anos do século XX ainda disputava à preferência do público com outras modalidades como o turfe, o remo e o ciclismo. Tampouco havia cronistas especializados no assunto, pelo menos no círculo, na época em formação, da intelectualidade brasileira.

Assim, somente a partir de Mario Filho e seu círculo de influências, centrado no *Jornal dos Sports*, é que surge a crônica esportiva propriamente dita:

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva (Marques, 2000: 17).

A participação incisiva de Mario Rodrigues Filho na organização da crônica esportiva e no próprio amparo ao esporte, acabou reforçando uma tese que até a atualidade tem forte entrada, tanto no meio jornalístico quanto no literário e até no acadêmico – inclusive, servindo como tópico de acirrado debate intelectual.

II

Desta forma, pensando-se conceitualmente, tanto a crônica social sobre o futebol quanto à crônica esportiva especializada, apresentam um ponto em comum com o futebol praticado no Brasil: são elementos que ao longo do século XX, se enraizaram na culturaⁱ brasileira. Ambos iniciaram como modismos, coadjuvantes nos respectivos campos, o literário e o esportivo, ganhando a adesão populacional na primeira metade do século XX, tornando-se fenômenos de massa.

Como parte constitutiva da cultura brasileira a união entre ambos – crônica e futebol – resultou em um dos espaços de discussão mais acentuados e de vultuoso alcance sobre a identidade nacionalⁱⁱ (Antunes, 2004: 22-45). Da questão *civilizatória*, predominante nas primeiras décadas do século XX (Lucena, 2001), passando pelo debate sobre a ginga e a malandragem entre as décadas de 1940 a 1970 (Antunes, 2004), chegando ao estilo profissional e globalizado presente nas últimas décadas (Manhães, 2004), a crônica futebolística oscila entre idéias extremas: a dos partidários da separação e a dos favoráveis à junção entre a nação e o *escrete* - termo difundido por Nelson Rodrigues (1993; 1994).

Além da reflexão sobre a identidade nacional, outra característica típica das crônicas, independente ao período, é o envolvimento emocional. Ora na tentativa de um discurso racionalizado, ora com uma proposital passionalidade, “transbordando” sentimentos, principalmente o de paixão. É raríssimo encontrar literatos sem um engajamento definido a respeito do futebol. No momento inicial, por exemplo, com a tensa discussão intelecto-científica sobre a sensatez – ou não – da juventude elitista, que aderiu quase consensualmente ao esporte de origem inglesa; posteriormente com os posicionamentos sobre o significado social do selecionado brasileiro (se era ou não, um símbolo da pátria); e depois com o debate acerca da espetacularização (o cronista nostálgico *versus* o futurista).

Mesmo nas últimas décadas, quando vários escritores têm se dedicado mais ao futebol, publicando nos mais diferentes gêneros e subgêneros – romance, conto, crítica social, ficção, poesia, ensaio de cunho sociológico, etc -, sem dúvida alguma, a crônica continua sendo o grande destaque, principalmente quantitativamente.

Obviamente, um gênero não descarta o outro. Como o caso de José Lins do Rego, romancista que teve suas crônicas coletaneadas, publicadas com o título *O Flamengo É Puro Amor*. Na introdução, escrita por Marcos Castro, responsável por selecionar as crônicas e redigir as notas explicativas, é definido com muita propriedade que, neste tipo coletânea, o “escritor fica à disposição de seus admiradores e dos estudiosos, deixa as páginas empoeiradas das coleções de jornais velhos para ganhar *status* de livro – e as deixa porque é indispensável que se junte esta parte ao conjunto de sua obra literária, que no caso, é o conjunto de sua obra humana, de tal forma o ato de escrever é, nele, um desdobramento da própria vida” (Castro In Rego, 2002: 20).

Assim, além de *O Flamengo É Puro Amor*, obras de destaque - como *O Sapo de Arubinha* de Mario Filho; *A Pátria em Chuteiras* e *A Sombra das Chuteiras Imortais*ⁱⁱⁱ de Nelson Rodrigues; *O Canto dos Meus Amores*, *O Homem e a Bola*, *Bola de Cristal*, *A Ginga e o Jogo* de Armando Nogueira; *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto* de Luis Fernando Veríssimo; *Histórias do Futebol* e *O Trauma da Bola* de João Saldanha; o *Gol É Necessário* de Paulo Mendes Campos; *Tostão: lembrança, opiniões, reflexões sobre futebol* do próprio Tostão; *Bola na Rede: a batalha do Bi* de Stanislaw Ponte Preta; entre outras - são todas compostas de crônicas publicadas em periódicos (jornais e revistas), posteriormente coletaneadas para publicação no formato de livro.

III

Dentro do gênero crônica, a esportiva passou a ser, provavelmente, o sub-gênero mais popular e o que mantém a mais estreita relação com o seu público. Esta relação - em se tratando do conceito de poder – é, pelo menos, bipolar (Elias, 1980), isto é, da mesma forma que o autor é influenciado pelo seu público leitor (principalmente, quando frequenta os estádios), ele também é um forte formador de opinião. Esta relação pode ser considerada um indício dos tênues, porém regulares, compromissos do cronista com um contexto histórico próximo ao real.

Ivan Cavalcanti Proença - um dos primeiros pesquisadores das Ciências Humanas a fazer uma pesquisa sobre a crônica esportiva, em 1981 – reflete sobre a questão:

Só uma coisa pega, se colocarmos em tensão os conceitos de criatividade literária (ficção, no caso, por ser prosa) e a crônica esportiva: o problema de verossimilhança. Seja qual for a idéia de *desrealização do real* (para realização do fenômeno literário através dos recursos artesanais, estilo, etc. Alegorias, por exemplo), seja qual for a variante da idéia de Literatura, e, agora, associada à de verossimilhança, fica difícil trabalhar a crônica esportiva, já que ela, em princípio, tem como carro-chefe, e condutor mesmo, o real.

[...] Aliás, isso é um pouco irrelevante, porque, do ponto de vista do leitor, o que importa é o texto e não propriamente suas 'fontes' (enquanto subjetivas e/ou bibliográficas) ou sua direta identificação com o autor: "Qualquer semelhança com..." O que importa é a história contada, a estória resultante (mais a maneira de dizê-la, arte em questão) (Proença, 1981: 28-29).

Neste caso, as crônicas sobre o futebol ou as crônicas esportivas exerceram (e ainda exercem) o mesmo sentido simbólico da crônica social, cuja proximidade com o objeto e com o cotidiano é fato quase sempre consumado. Com um adendo: a crônica esportiva tem a tendência de aflorar ainda mais os sentimentos e perspectivas, já que trabalha com um elemento onde a paixão não é negada, tampouco tem um significado pejorativo como na política; ao contrário, é mais do que necessário que o autor tenha um posicionamento, exponha preferências – como a clubística, ou por determinado jogador – mantendo, possivelmente, um vínculo de afeto positivo com determinado grupo de torcedores que se identifica com as suas preferências e de afeto negativo em relação ao outro segmento, aquele que fica contrito com as suas opiniões e preferências. Logo,

A crônica esportiva, em resumo, oferece campo de trabalho que nos permite uma visão global, ampla, do mundo popular/democrático, de nossas gentes e de nossos hábitos, favorecendo a quem as escreve, de uma forma ou de outra, aproximar-se do conceito de *atuante*, do fazer artístico [...]; chances, assim, à aproximação do realismo crítico – dimensão e força social, participante, humanista (no sentido de "com os pés no chão"), que se pretendem íntimos de quem exerce o ofício de escritor (Ibid: 31).

Novamente o dilema da humanização da crônica, neste caso, especificamente da crônica esportiva. Mas onde ela se situa em se tratando de um texto que discorre sobre um assunto específico, com suas particularidades, dentro do segmento maior que é o gênero crônica?

Se no decorrer do século XX a crônica acabou se especializando^{iv}, surgindo então a crônica esportiva, literária, cinematográfica, política, social, entre outras mais específicas ainda, detecta-se uma leve, mas sobretudo sensível, oscilação de conteúdo e estilística dentre os diversos *tipos* de crônica. Não se trata de um rompimento dentro da crônica

brasileira, mas sim, de sutis diferenças que, ao olhar mais detalhista, podem ser, com relativa facilidade, visualizadas.

A crônica esportiva, como afirmado, só se assentou durante a década de 1940 – quando, finalmente, a polêmica no meio intelectual brasileiro sobre se o futebol seria ou não parte constitutiva da cultura nacional fora aplacada. A partir deste período, consolidada a crônica esportiva profissional, deixaram de existir, evidentemente, cronistas antipáticos ao futebol. Mas houve outro tipo de cisão, porém, desta vez, nem sempre contraditória: aquela entre os *racionalistas*, que preferiam escrever sobre a parte técnico/tática da modalidade e os *apaixonados*, mais preocupados com os aspectos sociais ligados ao esporte do que com a partida propriamente dita.

De forma alguma isto significa que a crônica esportiva é somente a mais “acolhedora”, clientelista e paternalista para com o seu objeto “invariável” de inspiração. Ao contrário, como *humana*, pode ser a mais traiçoeira, cruel e injusta de todas. Esclarece-se que o futebol, como relata Milton Pedrosa, “é drama individual e coletivo, a relação de cada um com o jogo, as relações e reações recíprocas [...] filão inesgotável à disposição dos criadores em qualquer gênero literário” (Pedrosa, 1968: 12-13).

IV

Assim, o cronista esportivo pode contribuir para criação de ídolos, verdadeiros mitos do esporte, como pode também transformar este mesmo ídolo no mais sórdido “vilão”. Em se tratando do campo esportivo, especificamente do futebolístico, a oscilação é muito acentuada. O “herói” de ontem pode ser o “algoz” de hoje e *vice-versa*. “Neste contexto, os meios de comunicação constroem o perfil simbólico dos atletas, caracterizando-os como gênios, heróis, ou deuses de natureza épica e mitológica, em torno dos quais as esperanças, os sonhos e as frustrações de milhões de brasileiros são projetadas, tendo em vista suas habilidades e astúcia, mas também seus valores e procedimentos éticos” (Manhães, 2004: 21).

Por exemplo, em 1959, ainda com certo ressentimento, mas tentando relativizar a questão, Nelson Rodrigues escreveu sobre o goleiro Barbosa e as “trágicas” conseqüências

da derrota do “escrete” contra o Uruguai, em pleno estádio do Maracanã, na final da Copa do Mundo de 1950:

Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidades maciça, compacta, da derrota. O gol de Gigghia ficou gravado, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da Espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado frango de Barbosa.

Qualquer um outro estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio: - “Aqui jaz fulano, assassinado por um frango”. Ora, eu comecei a desconfiar da eternidade de Barbosa, quando ele sobreviveu a 50. Então, concluí de mim para mim: - “Esse camarada não morre mais!”. Não morreu e pelo contrário: - está cada vez mais vivo.

Nove anos depois, ele joga contra o Santos, no Pacaembu. [...] a partida se limitou a um furioso duelo entre o solitário Barbosa e o desvairado ataque santista (Rodrigues, 1994: 71-72).

Excerto onde Nelson Rodrigues, usando de “humor negro”, trágico, expõe a sua própria surpresa diante da longevidade futebolística do goleiro. Nelson, nas suas reflexões internas – “de mim para mim” –, acreditava que o goleiro teria sua carreira encerrada após a derrota de 1950. Mesmo adotando o impessoal no primeiro parágrafo, Nelson deixa escapar uma *pista* de que também teria sido afetado pelo “trauma” da derrota. Ora, ao se referir ao sentimento da coletividade, usando o termo “o brasileiro”, Nelson acaba se incluindo entre aqueles acusadores do goleiro Barbosa. Por outro lado, ao observar que o atleta superou a falha, dando continuidade a sua carreira, Nelson o acolhe, imortalizando o goleiro que, nove anos antes da escrita da crônica, havia sido considerado pela imprensa em geral, como o principal artífice da derrota brasileira.

O escrito de Nelson Rodrigues guarda sua autonomia artística - é a assinatura do literato. E esta liberdade criativa é a responsável pela forte atratividade que o texto exerce no leitor. Como asseverado no texto clássico de Antonio Candido “a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do zigue-zague de uma aparente conversa fiada” (Candido, 1992: 20).

Desta forma, a crônica esportiva é potencialmente uma “realidade”: aquela captada de forma rudimentar pelo autor, condicionada pelo seu contexto e posição social, processada devido à sua condição de arte, e deglutida pelo leitor. Enfim, as crônicas são como imagens refletidas na água turva, que podem ser visualizadas de ângulos diferentes,

já que o leitor não é uma *tábula rasa*, isto é, da posição onde se encontra lhe atribuirá significados diversos – alguns, geradores de conflito. Chartier reitera ao escrever que,

[...] há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas, esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. O que muna é que o recorte dessas comunidades, segundo os períodos, não é regido pelos mesmos princípios (Chartier, 1998: 91-92).

E não é só. Além o público letrado que habitualmente lia um diário - a princípio, o único grupo envolvido com o assunto - existiu também uma grande adesão por parte dos outros segmentos populacionais que não liam os periódicos. A potencialidade da crônica era tamanha que, através de uma antiga tradição de narrativa, a oral, algumas vezes ela chegou a influenciar a população em geral. Como argumentado:

Afinal, seria impossível continuar ignorando a irresistível atração que o futebol exerce sobre os brasileiros. Ele é tema preferido de conversa, seja entre amigos seja entre estranhos em situações fortuitas. O futebol é uma espécie de língua franca: são pequenas as possibilidades de encontrar um interlocutor que não saiba falar minimamente sobre ele ou sobre as questões do dia, revelando-se, também, por seu intermédio, afinidades e discordâncias (Antunes, 2004: 18).

O caso da Copa do Mundo de 1950 é um bom exemplo. O sentimento de fracasso da nação e o estigma de agouro do goleiro Barbosa foram mantidos até a atualidade. Daolio (1997) narra um episódio curioso sobre o caso. Em 1994 – quarenta e quatro anos após a derrota na Copa de 1950 – num jogo das Eliminatórias, coincidentemente entre Brasil e Uruguai, o auxiliar-técnico, Mario Jorge Lobo Zagallo, negou ao idoso Barbosa uma visita ao goleiro Taffarel dentro dos vestiários. E Taffarel, mesmo sendo um atleta de assumida fé cristã, declarou-se aliviado, pois tinha receio de ser contaminado pelo “azar” de Barbosa.

V

Conclui-se, portanto, que a crônica esportiva explicita uma forma de expressão. Expressão muitas vezes contrita, paradoxal e artística de um determinado segmento social, uma parcela da intelectualidade – a que se dedicou às “letras”. Além da autonomia intelectual e artística, estes escritores sofreram influências, logicamente em diferentes intensidades, oriundas de várias “direções”^v: das redações e editores; do público leitor; das

paixões clubísticas e regionais; do contexto social em que viveram. Em contrapartida, a crônica esportiva, com seu potente alcance popular, levou-os a formar ou pelo menos influenciar opiniões, criar polêmicas, suscitar debates... Serem ora amados, ora odiados.

Pensa-se, então, a crônica esportiva como um meio de difusão de idéias e um intrincado objeto centralizador de um círculo de influências pouco objetivo, mas, sem dúvida, de forte repercussão. Assim, de forma alguma ela historiciza o futebol, mas sim a si própria – influências, idéias e ideais, posicionamentos, vontades pessoais e coletivas - no significado literal da palavra *reflexão*.

No trabalho de análise o mais importante é tentar compreendê-los – crônica e futebol - como estruturas de uma relação amalgamada, geradora de um pensamento intelectual altamente interdependente, explicitado artisticamente na sua forma e estilo narrativo. Portanto, coaduna-se ao pensamento de uma pesquisadora que, sobre a utilização da crônica pela história, escreveu:

Sem dúvida a riqueza do comentário imediato sobre a vida da cidade, aliado à qualidade literária inquestionável de alguns cronistas, dilui as fronteiras entre o prazer e ofício para o historiador que se aventure a explorar essa particular documentação. Talvez seja esse o melhor argumento que justifique, por um lado, a decisão de lidar com um corpus documental tão abundante quanto polimorfo e, por outro, a pretensão de buscar um horizonte de sentido convergente para o conjunto das crônicas deste tempo, pretensão essa tanto maior quanto com mais ênfase se sublima, de início, a certeza de que cada autor jamais teve a intencionalidade de buscar, com sua produção enquanto cronista, um todo coerente (Neves In Cadido et. al., 1992: 77).

ⁱ Entende-se por cultura a definição dada por Clifford Geertz: “o conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.” (Geertz, 1989: 15).

ⁱⁱ Compreendida como uma forma “estendida” de identidade grupal, na qual os indivíduos de mesma nacionalidade procuram – consciente ou inconscientemente – elementos de agregação/segregação que possam diferenciá-los ou aproximá-los de outras identidades grupais e/ou nacionais. Sobre a identidade nacional ver: Ortiz, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ⁱⁱⁱ Cabe destacar que ambas as obras de Nelson Rodrigues foram editadas após a sua morte, cabendo a seleção das crônicas a Ruy Castro, outro literato que tem algumas obras dedicadas ao futebol, como as biografias de Nelson Rodrigues e Garrincha, respectivamente: *O Anjo Pornográfico* e *A Estrela Solitária*, além de *O Vermelho e o Negro – pequena grande história do Flamengo*.

^{iv} Apesar do processo de especialização, a figura do cronista “clássico” - aquele que aborda assuntos variados sem compromisso, portanto, um generalista que normalmente busca nas ocorrências jornalísticas mais relevantes, seja ela diária ou semanal, as suas temáticas - ainda é bem comum nos jornais e revistas brasileiras. Bons exemplos são Carlos Heitor Cony e Luiz Fernando Verissimo.

^v Refere-se aqui ao conceito de “teias interdependência” (Elias, 1980).